

3 Representações

*All the world's a stage, and all the men and women merely
players: (...) and one man in his time plays many parts*
W. Shakespeare. *As you like it, II, sc vii.*

Este capítulo trata de representações, um fenômeno estudado pela Sociologia, pela Semiótica, pelos Estudos Culturais, pela Psicologia Social, pela Linguística Aplicada, e muito relacionado aos estudos da linguagem. Este é um fenômeno que conecta o simbólico ao social, pois a linguagem é o meio que capacita o ser humano a representar / construir significados sobre a realidade interna e externa a ele (Halliday, 1994), além de ser a linguagem também um sistema de representação (Hall, 1997). Apresento, aqui, o conceito de representações, e as complexidades a ele inerentes, com base em textos das áreas de Estudos Culturais, da Psicologia Social e da Linguística Sistêmico-Funcional (Hall, 1997; Moscovici, 2003; Moscovici, 1994 / 2004; Spink, 1993 / 2004; Alexandre, 2004; Halliday, 1994; Halliday & Mathiessen, 2004; Martin & Rose, 2003/2007; Kress, 2000; Kress & van Leuween, 1996; dentre outros). Estabeleço, então, inter-relações com a área de estudos da linguagem, mais precisamente com estudos do discurso, dentro da perspectiva de construção social da realidade (Berger & Luckmann, 2009). Mais adiante, apresento considerações metodológicas sobre o estudo de representações, adiantando algumas idéias que perpassam a pesquisa desta tese.

3.1. O conceito de representações

As coisas em si não tem significado. São os seres humanos, participantes de uma dada cultura, que atribuem significados a pessoas, objetos e eventos. Essa atribuição ou construção de significados acontece de maneira atrelada ao contexto sócio-cultural em que eles se inserem, e onde também estão o objeto de representação e a língua (Halliday & Hasan, 1989; Hall, 1997), e através do que Wittgenstein (1975) denominou “jogos de linguagem”.

Wittgenstein (1975) tem um entendimento similar ao que se postula na Linguística Sistêmico-Funcional, de que a construção do significado através da linguagem é dependente do uso desta num determinado contexto, e regido por

regras. Assim, usar uma língua é uma prática social, produzir e entender significados são ações que implicam conhecer a natureza da atividade humana na qual as enunciações estão inseridas. E isso se assemelha também às concepções sobre gêneros discursivos iniciadas por Bakhtin e expostas no capítulo 2. Entender o que é dito depende do entendimento do jogo de linguagem em que o ato de dizer ocorre. Esta noção de jogos de linguagem implica em processo de uso das palavras, processos de denominação, de repetição, o conjunto da linguagem com as atividades às quais ela está ligada.

Um significado atribuído a alguma coisa, por exemplo, decorre do uso que é feito desta coisa, do que e como se diz e se pensa a seu respeito, do que se sente com relação a esta coisa, ou seja, de como ela é conhecida e, conseqüentemente, representada. Representações das experiências externas e internas de usuários de uma língua não envolvem, então, apenas aspectos ideacionais nos termos da Linguística Sistêmico-Funcional. Eles são essenciais e presentes, permitem a revelação de como representações são construídas. Mas, neste estudo mostro que recursos de significação interpessoais e textuais também contribuem para a construção de representações. A expressão de atitudes – afetos, julgamentos e apreciações – significados interpessoais (Martin, 2000; Martin & Rose, 2003; e Martin & Rose, 2007), e a forma como são expressos, assim como recursos verbais e não verbais de composição de mensagens - significados textuais (Kress & van Leuween, 1996; Martin & Rose, 2003; Martin & Rose, 2007) - participam desta construção.

Representar é um processo no qual membros de uma cultura usam a linguagem para produzir significado (Hall, 1997), logo, uma ação social, conforme exposto pela Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1989; Halliday, 1994; Halliday & Mathiessen, 2004). Wells (1999), citando Halliday, diz que a língua é condição essencial da mente para que a experiência se transforme em conhecimento. A língua, neste sentido, é o meio através do qual o conteúdo da consciência se manifesta, e se constroem teorias e modelos. Entendo estar implicada nisso a noção de representação enquanto processo de construção de significados, através da linguagem, a respeito de algo concreto ou fenomenológico focando os aspectos que se sobressaem – os representativos.

Interpretando e, conseqüentemente, representando alguma coisa que faz parte de sua cultura, o ser humano utiliza um código compartilhado, entendido

que é a linguagem, seja ela verbal ou não verbal. Esse código assim como os conceitos, e a língua em si, são aprendidos e apreendidos enquanto convenções e, portanto, o significado não é fixado às coisas (objetos, pessoas ou eventos), mas sim é o resultado das convenções e ações socioculturais e linguísticas, e por isso muda com elas, como postulado na Linguística Sistêmico-Funcional (ver figura 3) (também Martin, 1997; Martin & Rose, 2003; Eggins, 2004; Halliday & Mathiessen, 2004). Em suma, é uma construção da realidade que se dá no social através do uso da linguagem (Berger & Luckmann, 2009).

O sentido atribuído a pessoas, objetos ou eventos, então, é uma construção social, um empreendimento coletivo (Spink & Medrado, 2004), histórica e culturalmente situado, utilizado pelos seres humanos na compreensão e na lida com situações e fenômenos que o circundam. Assim, os membros de uma cultura atribuem sentido e organizam o mundo concreto (de objetos, pessoas e eventos), o mundo conceitual (os conceitos mentais), e os signos (arranjos na linguagem que comunicam conceitos). Ocorre a construção de entendimentos compartilhados e interpretações do mundo através da linguagem (Berger & Luckmann, 2009). Esta, enquanto sistema de sinais, permite a significação, e assim, são construídos conhecimentos / representações na vida cotidiana. Assim sendo, “a vida cotidiana é, sobretudo, a vida com a linguagem, e por meio dela, de que participo com meus semelhantes” (Berger & Luckmann, 2009, p.55)

Autores das áreas de Psicologia Social e de Estudos Culturais (Spink, 1993 a, 2004; e Hall, 1997, por exemplo) mostram que o ato de representar implica interpretações, o que reforça a noção de representação enquanto construção. Segundo eles, representações decorrem de interpretações, e através de sons, imagens, marcas, impulsos, estruturas linguísticas, portanto, através de várias modalidades de comunicação (Kress, 2000), o ser humano, num processo de simbolização, constrói significados, que são conhecimentos sobre o objeto, a pessoa, ou o evento representado. Por isso, posso dizer, como o faz Silva (2000) que é na dimensão do significante que acontece a expressão da representação.

Nos Estudos Culturais, Hall (1997) refere-se a dois sistemas de representação: as representações mentais e a linguagem. Com relação ao primeiro sistema, o autor diz que os significados dependem dos conceitos e visões presentes nas mentes das pessoas, mas estes, por sua vez, dependem de diferentes formas de organização, arranjos, classificação e estabelecimento de relações

complexas (Hall, 1997). Nesta perspectiva, os significados, como já foi dito nos parágrafos anteriores, são socialmente compartilhados e construídos pelos membros de uma mesma cultura.

A linguagem é também um sistema de representação (Hall, 1997), em que palavras, sons, imagens são signos que representam conceitos e relações conceituais e que formam sistema de significação de uma dada cultura. Na mesma perspectiva, Kress & van Leeuwen (1996) afirmam que a representação é um processo através do qual os seres humanos, produtores de signos, procuram construir significações a respeito de um objeto ou entidade (física ou semiótica), focalizando aspectos considerados representativos. Esse processo envolve interesse naquilo que é representado e é fruto da história cultural, social e psicológica do sujeito usuário da língua, e ainda está focalizado num contexto específico de produção de sentido. Numa representação estão os meios utilizados pelos seres humanos para produzir significados, considerando as visões específicas de mundo, e ainda a disseminação de tais significados por diferentes mídias, como material impresso, televisivo, radiofônico, sonoro, virtual, computacional (Kress, 2004; e também, Sá, 1998, Alexandre, 2004, e outros).

Pelo que foi exposto até então, é pertinente dizer que representações são sociais (Moscovici, 2004; Moscovici, 2003; Sá, 2004; Sá, 1998; Alexandre, 2004; Farr, 2004), como entendido na área da Psicologia Social. Elas são construções derivadas do fato de o homem ser um ente social, e os significados por ele construídos também emergem a partir da realidade sociocultural. Este é um entendimento de representações numa perspectiva de socioconstrução da realidade, explicada por Berger & Luckmann (2009, p. 11) da seguinte forma:

...será suficiente definir “realidade” como uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição (não podemos “desejar que não existam”), e definir “conhecimento” como a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas. É neste sentido que estes termos tem importância tanto para o homem da rua quanto para o filósofo. O homem da rua habita um mundo que é “real” para ele, embora em graus diferentes, e “conhece”, com graus variáveis de certeza, que este mundo possui tais e tais características. O filósofo naturalmente levantará questões relativas ao status último tanto desta “realidade” quanto deste “conhecimento”.

Assim, por serem significados / conhecimentos, acredito que representações podem ser pesquisadas tendo em vista o âmbito da semântica do discurso, estrato

semântico da língua de acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional (ver capítulo anterior), levando-se sempre em conta o contexto de registro e de cultura em que acontecem, já que é no uso da linguagem que as representações se manifestam.

Enquanto significados construídos socialmente, então, representações sociais podem ser consideradas modalidades de conhecimentos práticos, orientados para a comunicação e a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vive o ser humano (Jodelet, 1995, Spink, 1993). Assim, as representações não se resumem aos seus elementos cognitivos - imagens, conceitos, categorias, teorias (Alexandre, 2004), pois são socialmente elaboradas e compartilhadas, contribuem para a construção de uma realidade comum, possibilitam comunicações entre indivíduos. Por isso, elas devem ser entendidas a partir de seu contexto de produção, suas funções simbólicas e ideológicas (Alexandre, 2004; Spink e Medrado, 2004; Spink e Frezza, 2004). Também, estão relacionadas ao universo do senso comum (Sá, 1998; Spink, 1993 / 2004; Moscovici, 2003; Alexandre, 2004), ao cotidiano, o que explica a influência que exercem na formação das condutas sociais, modificando e reconstruindo o meio social, convencionalizando objetos, pessoas e acontecimentos (Moscovici, 2003). E essa influência se dá por efetiva participação dos meios de comunicação de massa que permitem a criação de representações controlando forma e conteúdo do que se diz (Farr, 1995).

Neste estudo, entendo que representações do livro didático de inglês se manifestam ao se falar e se escrever sobre este material nos atos de divulgação e de apresentação por parte de seus produtores, nas formas de se mostrá-lo em imagens, nas descrições feitas pelos usuários (professores e alunos), no uso que se faz deste material dentro e fora de sala de aula, no ato de sua escolha e seleção. Enfim, as representações são construídas no uso da linguagem, no que e como se diz sobre o livro didático de inglês.

Transformando em familiar aquilo que não o é, as representações sociais capacitam as pessoas a compartilharem um estoque implícito de imagens e de idéias que são consideradas certas e mutuamente aceitas (Moscovici, 2003). Sá (1998) explica que isso emerge das práticas vigentes numa determinada sociedade, pelas quais é alimentada e, então, pode ser perpetuado.

A representação de algo (objeto, pessoa, fenômeno, ideia) está ligada à sua relevância cultural como explicam Sá (1998), e Kress & van Leeuwen (1996). A implicação das representações na prática de um grupo ou grupos pode relacionar-se à conversação e aos meios de comunicação (Farr, 1995), como por exemplo: as documentações, os rituais, as ações, as atitudes, as formas de agir. Com isso, é possível dizer que as representações se manifestam nos gêneros discursivos – maneiras através das quais as pessoas organizam suas vidas (Martin, 1997; Martin & Rose, 2006), os quais emergem de, e pertencem a, práticas sociais e culturais como diz Bakhtin (2003), e que são materializadas no uso da linguagem, em termos da Linguística Sistêmico-Funcional, no nível semântico-discursivo enquanto significado e, conseqüentemente, na léxico-gramática.

Segundo Moscovici (2003, também Moscovici, 2010), as representações sociais se formam através de dois processos: ancoragem e objetivação. Por ancoragem ocorre a inserção, no cotidiano, de algo que é estranho ao pensamento ali constituído. Algo considerado estranho é comparado ao paradigma de uma categoria tida como apropriada em certo contexto, e o objeto ou a idéia comparada adquire características dessa categoria de referência, é reajustado e encaixado no conjunto de pensamentos do grupo. Ancorar, neste sentido, implica classificar e nomear o não usual para ligá-lo ao que é familiar, dando-se identidade ao que não é identificado, facilitando a compreensão de características, e de intenções de uso deste algo. Seria o equivalente a dizer que o livro didático é uma “ferramenta”, por exemplo, pois, ferramenta é algo próprio de outro contexto que não o de ensino. Mas, a palavra “ferramenta” denota também ajuda, instrumento com o qual se pode fazer algo. O livro didático, enquanto ferramenta, auxilia o professor na sua prática pedagógica, é o instrumento disponibilizado ao profissional para facilitar seu trabalho. Outros exemplos de ancoragem com relação ao livro didático de inglês serão mostrados nos capítulos 6 e 7.

A objetivação, por sua vez, é uma operação formadora de imagens em que noções abstratas são transformadas em algo concreto (Spink, 1993), ou seja, a materialização de uma abstração (Moscovici, 2003). Através da objetivação, a sociedade se apropria e transforma em característica comum o que originalmente pertencia a outra uma esfera específica. Os elementos para tal transformação variam de cultura para cultura, e não se trata de um elemento único. Quando um livro didático de inglês é identificado como um curso, como ocorre em textos de

produtores (anúncios de catálogos, quartas capas e apresentações em manuais do professor), e até mesmo no termo em inglês em que o livro didático é o *coursebook*, ocorre a objetivação. O livro didático, enquanto algo concreto, é a objetivação do que se concebe, ou se deseja, de como seria ou deveria ser um curso de língua inglesa.

Em síntese, o processo de objetivação trata da seleção de uma informação que é dissociada de seu contexto original, ajustada aos critérios e às normas de uma dada cultura, conferindo a algo originalmente abstrato e agora concreto características significativas e palpáveis. Já a ancoragem é a integração de uma nova informação ao sistema de pensamento já existente, através de categorias e classes, ou de outras taxonomias já construídas, com intenção de promover a familiarização do estranho de acordo com moldes de referência já aceitos (Alaya, 2010).

Na discussão sobre o conceito de representações aqui apresentada, há o reconhecimento do caráter público e social da linguagem. Como foi dito, o significado não repousa nos objetos, nas pessoas ou nos eventos em si mesmos, o que seria uma visão reflexiva de representações. Nem tampouco o significado é atribuído pelo ser humano intencional e conscientemente a um objeto, a uma pessoa ou a um evento (Hall, 1997). Ao contrário, o significado de algo é construído no uso e pelo uso da linguagem em contextos socioculturais específicos, configurando as representações, que são sociais: conhecimentos orientados para a comunicação e a compreensão do mundo cotidiano (Jodelet, 1995). Isso é compartilhado de maneira complementar pelos autores citados e atuantes nas áreas de Estudos Culturais, Psicologia Social, e Linguística Sistemico-Funcional.

3.2. Representações e Discurso

Uma visão discursiva da investigação de representações é descrita por Hall (1997) para os Estudos Culturais, e também é defendida por Spink (1993) e Spink & Medrado (2004) na Psicologia Social. Estes autores baseiam-se nas idéias de Foucault de que o discurso acontece numa gama de textos, em formas de conduta, em vários lugares institucionais na sociedade e, nessa medida, eventos discursivos pertencem a uma formação discursiva quando se referem ao mesmo objeto,

compartilham o mesmo estilo, apoiam uma estratégia, mostram um modelo institucional, administrativo ou político em comum. Significado e prática de significação são construídos dentro do discurso, o qual acontece em contexto sociohistórico como entendido neste estudo. Os discursos, por sua vez, apresentam variedade de textos, e de áreas de conhecimento relacionadas. Dessa maneira, a representação é vista como produção de conhecimento social cotidiano, conectada às práticas sociais e uso da linguagem.

No caso deste estudo, essas ideias mencionadas no parágrafo anterior se fazem presentes. Se o discurso acontece numa gama de textos, entendo que o discurso dos produtores de livros didáticos de inglês pode ser compreendido com base nos textos de divulgação e apresentação da obra didática, que são os anúncios em catálogos, as quartas capas e as apresentações contidas nos manuais do professor. O discurso dos usuários pode ser estudado através de depoimentos orais de professores na forma de entrevistas, e de respostas escritas por alunos em questionários. Estes não são os únicos gêneros em que se diz algo sobre o livro didático, mas nenhum estudo conseguiria abarcar todos. Também não encontrei, ao longo de minha pesquisa, outro estudo que abrangesse discursos de produtores e usuários do livro didático de inglês ao mesmo tempo, tantos gêneros diferentes, e que sistematizasse as representações sobre esse material de ensino com base em uma teoria de linguagem e um referencial teórico específico sobre representações.

A análise de exemplares desses gêneros discursivos mencionados revela maneiras semelhantes de se referir ao livro didático de inglês, tanto em inglês, no caso dos textos sobre livros produzidos no exterior, quanto em português, no caso do livro produzido no Brasil, nas entrevistas e nos questionários. Nos capítulos 6 e 7 será visto que há utilização de recursos de significação ideacional, interpessoal e textual semelhantes, quando não idênticos, nos dizeres de produtores e de usuários em geral. Também ocorre o mesmo em se tratando de produtores diferentes – editores e autores distintos, professores e alunos de contextos de ensino diversos, e de diferentes níveis de ensino e aprendizagem.

Produtores e usuários de livros didáticos pertencem a áreas diferentes. Enquanto os primeiros estão voltados, principalmente, para a produção com vistas à comercialização, os últimos tem em mente objetivos relacionados prioritariamente ao ensinar e ao aprender. Mesmo sendo propaganda do livro didático, os textos que neste estudo são tomados como reveladores do discurso de

editores e autores referem-se a questões pedagógicas: público-alvo a que o livro didático ou a coleção toda se destina, conteúdo ali veiculado, metodologia, atividades, organização do tempo escolar, abordagem, dentre outras.

Ao igualar representações a práticas discursivas, Spink (1993, também Spink, 2004) assume que os seres humanos são atores sociais que constroem identidades funcionais de acordo com as funções sociais que desempenham, as quais lhes permitem negociar relações sociais. As representações, então, ocorrem através da linguagem em uso, na organização social do discurso, portanto, no estrato da semântica do discurso conforme a Linguística Sistêmico-Funcional. Usar a linguagem é uma ação social então, e toda prática social é produtora de significado, o que faz com que os seres humanos construam representações acerca de um objeto, de uma pessoa, de um evento no uso que fazem da linguagem.

Numa língua, os significados são construídos no discurso, um estrato semântico, e de acordo com um contexto de registro e de cultura (Halliday & Mathiessen, 2004; Eggins, 2004). Assumo, neste estudo, essa perspectiva sistêmico-funcional, que se assemelha e complementa o que diz Hall (1997), com base nas ideias de Foucault. É no discurso, portanto no estrato semântico-discursivo, que são construídos tópicos, definido um objeto de conhecimento, e é o discurso que governa as formas de se expressar sobre os tópicos, influencia como as idéias são postas em prática. Em outras palavras, através de significados ideacionais, interpessoais e textuais, respectivamente.

Contudo, é no estrato da léxico-gramática que o discurso se realiza gramaticalmente, e seu estudo não pode prescindir do estudo da materialidade linguística, ou como Halliday (1994) diz, não se pode desconsiderar a gramática da língua. Acrescento que não se pode deixar de considerar os recursos não verbais de comunicação, ou seja, outras modalidades, como proposto na Gramática do Design Visual por Kress & van Leuween (1996).

Por isso, este estudo pode ser caracterizado como discursivo, pois considero que no discurso de produtores e usuários de livros didáticos de inglês são construídos conhecimentos sobre esse material de ensino e de aprendizagem. Ao mesmo tempo, esse conhecimento regula a prática cotidiana (Moscovici, 2003), e revela como esta prática é construída com ele.

Estudar representações numa perspectiva discursiva pode revelar como o conhecimento é produzido pelo discurso ou por um discurso, o qual está ligado às

relações de poder presentes num meio social, como as condutas são reguladas, como as identidades e as subjetividades são construídas, como é a definição da representação de coisas, o que se pensa a respeito dessas coisas (Hall, 1997). Em outras palavras, é a revelação das funções das representações sociais (Spink, 1993), ou seja, a função social - orientação de condutas e das comunicações, a função afetiva – promoção e legitimação de identidades sociais, e função cognitiva – a familiarização com a novidade como define Moscovici (2003). Enfim, como já foi dito, é também a consideração do uso da linguagem de acordo com o contexto social e cultural em que se inserem os interlocutores (sujeitos do discurso) como participantes ativos no processo de comunicação, conforme se defende na Linguística Funcional em geral (Neves, 2004).

Entendo, com isso, que estudar as representações acerca do livro didático de inglês pode revelar informações sobre como este material didático é promovido por seus produtores, usado por professores e alunos, identificado e legitimado por esses grupos. Também se pode, com um estudo dessa natureza, ter noções sobre as condutas dos sujeitos que produzem o livro didático, e daqueles que o utilizam, seja para ensinar, seja para aprender. Em outras palavras, o que fazem essas pessoas com o livro, como o utilizam, como o definem, o que ele é na sociedade.

Também defendo a interseção do que foi exposto aqui sobre discurso e representações com as propostas de análise discursivas de base sistêmico-funcional descritas no capítulo 2. Martin & Rose (2003, também Martin & Rose, 2007) propõem a análise discursiva considerando, dentre outros, a avaliatividade enquanto expressão de atitudes, a ideação como delineamento e classificação de eventos e de seus participantes, e a periodicidade como organização textual que gera e consolida significados. Kress & van Leeuwen (1996) mostram que através de imagens se constroem construtos e se representam ações; que também nas imagens são estabelecidas relações entre os participantes representados e espectadores; e que há recursos específicos de composição de imagens e textos que promovem significação. Tudo isso contribui para a construção de representações sobre objetos, pessoas ou eventos através do uso da linguagem. Representações, como já foi dito, estão relacionadas a classificações, descrições, atitudes, ações, interações, enfim, às produções de significados ideacionais, interpessoais e textuais concomitantemente em práticas sociais cotidianas. E é isso

que revelam as análises dos discursos de produtores e usuários de livros didáticos de inglês com base nessas propostas de análises discursivas (ref. Capítulos 6 e 7).

3.3. Pesquisando representações

De acordo com Sá (1998) e também Berger & Luckmann (2009), um fenômeno de representação social implica um interesse por ele, ou uma relevância a ele conferida em termos social ou acadêmicos, e esse fenômeno pertence ao universo do senso comum, entendido por esses autores como o universo do cotidiano. A pesquisa, por sua vez, implica um conhecimento do universo reificado (que por ser assim, é uma reconstrução), o mundo do conhecimento científico.

Sob a ótica apresentada nesta tese a respeito de representações, pesquisá-las significa levar em conta a linguagem em uso nas práticas correntes de grupos sociais envolvidos com o objeto de representação que é o livro didático de inglês, portanto, o uso da linguagem no cotidiano. Também se consideram a quantidade e a forma das informações sobre esse objeto, e meios pelos quais as informações chegam aos sujeitos que “falam” desse objeto (Sá, 1998). Então, a pesquisa que compõe este estudo investiga o discurso de sujeitos que falam sobre um objeto de representação - o livro didático de inglês, sujeitos esses que usam a língua na construção de textos sobre o livro – anúncios, quartas capas, apresentações, entrevistas, respostas a questionários. Esses também são sujeitos que informam sobre o livro didático, e seus dizeres refletem a quantidade de informações e a forma como estas são veiculadas, o que pode ser revelador da importância desse material de ensino no cotidiano dessas pessoas.

As explicações expostas no parágrafo anterior podem ser respostas para as perguntas apresentadas por Sá (1998), as quais podem ser consideradas em pesquisas envolvendo representações. São elas:

- Quem sabe e de onde sabe? – condições de produção e circulação de representações numa sociedade (cultura, linguagem, comunicação);
- O que e como se sabe? – processos e estados das representações (suportes de representações, - discurso, comportamento, documentos, práticas);
- Sobre o que se sabe e com que efeito? – estatuto epistemológico das representações (relações entre pensamento natural e ciência).

É inerente ao estudo de representações um caráter inter ou transdisciplinar, pois elas são investigadas em diversas áreas de atividade humana e o próprio ato de representar envolve conhecimentos diversos, inclusive o linguístico, o de situação de comunicação, o performático, o de crenças, o de tradições, os históricos, os sociais e os culturais (Sá, 1998, Sá 1993 / 2004, Spink, 1993 / 2004, Alaya, 2010, Alexandre, 2004, dentre outros). Para se chegar às representações, pesquisam-se os discursos das pessoas e/ou grupos, as suas práticas sociais, logo gêneros discursivos e registros em que são evidenciadas práticas, comportamentos e interpretações comunicadas. Portanto, estudos de representações podem ser relacionados aos estudos da linguagem verbal e não verbal apresentados no capítulo anterior, e segundo os quais há que se considerar os recursos de significação ideacional, interpessoal e textual.

No campo educacional, pesquisas sobre representações tem sido realizadas em vários contextos, e tem envolvido diferentes aspectos relacionados a esta cultura¹. Sá (1998) aponta como temas mais tratados as representações de alunos construídas por professores, a representação de profissionais e usuários com relação à escola, a aplicabilidade de representações ao processo educacional e temas relacionados à educação e à vida cotidiana, ao poder e às relações pessoais. Rangel (1998), pesquisando teses e dissertações produzidas na primeira metade da década de 1990, traça o estado da arte da pesquisa de representação (social) nas áreas de ensino e de aprendizagem. Esta autora propõe as categorias abaixo relacionadas para classificar os trabalhos analisados:

- Representações e Relações: trabalhos em que se tenta superar as antinomias (sujeito-objeto, sujeito-mundo, sujeito-sociedade, significante-significado, concepções-ações), e as representações são vistas como mediadoras nessas relações, havendo uma forte influência do simbólico na construção do real;

- Representações e Linguagem: trabalhos que consideram a linguagem como processo e veículo de representações, sendo um ponto central do conhecimento gerado pelas representações, as quais são formadas, conformadas e veiculadas na linguagem, e neste caso, textos orais, escritos e não verbais compõem o *corpus* de análise. Este é o caso desta tese.

¹ No sentido de Halliday ([1991] 2007), cultura educacional.

- Representações e Fatores: trabalhos que se referem aos elementos do entorno e de dentro do fenômeno representativo, e que nele influem, sendo estes fatores sociais relacionados à história, à ideologia, à condição econômica, à cultura, além dos valores e interesses hegemônicos;

- Representações e Conceitos: estudos em que os elementos da representação são expressos conceitualmente, sendo estes conceitos os elementos centrais de determinadas concepções teóricas, como associações e ou dissociações com mito, imagem, imaginário, ideologia, ou ainda a caracterização de representações como tipo de conhecimento prático do senso comum, formado de acordo com experiências, comunicações, interações no cotidiano.

Acredito que pesquisar representações em contexto educacional encontra respaldo nas palavras de Silva, Abud & Castro (2010, p.10), que justificam a importância de pesquisas sobre representações

com vistas a refletir sobre problemas educacionais reais vivenciados nas instituições de ensino e apontar as possibilidades de resolução. Com isso, sobreleva-se a importância do fator humano do professor e do aluno por suas ações e decisões no processo educativo e instrucional. Básico neste ponto é o entendimento de suas ideias, pensamentos e perspectivas pelas representações que eles tem sobre sua própria atuação.

Acrescento que é também importante incluir nessas pesquisas discursos de outras áreas com objetivos diferentes, tais como os objetivos comerciais presentes no discurso de editores e autores de livros didáticos. Consoante com a necessidade de entrecruzamento de pesquisas da área de Linguística Aplicada e conhecimentos produzidos em outras áreas do saber, como a investigação que compõe este estudo, há que se ter em mente que o contexto educacional é um contexto cultural amplo, em que vários gêneros discursivos acontecem a partir de diferentes atividades. Por isso, é importante, como defendo aqui, que se investiguem representações presentes em discursos de produtores de livros didáticos – autores e editores, assim como discursos de seus usuários – professores e alunos.

Na pesquisa empírica de representações não há primazia de um método específico, mas prioriza-se uma ampla gama de escolhas, incluindo-se o uso de observação sistemática, etnografia, entrevistas dirigidas, grupos focais, questionários, análise de documentos e outros textos de imprensa, literatura, registros pessoais, propagandas (Sá, 1998; Spink, 1993; Spink, 2004; Spink, [1994] 2008; Wagner, [1994] 2008; Rangel, 1998). Nesta tese, por exemplo,

utilizo análise de textos pertencentes a gêneros discursivos diversos, escritos por autores e ou editores de livros didáticos de inglês, e direcionados ao público usuário, neste caso mais ao professor que ao aluno. Ainda analiso entrevistas com professores usuários de determinados livros didáticos, bem como questionários respondidos por alunos também usuários dos mesmos livros. Tal diversidade de procedimentos encontra respaldo nas afirmações de Moscovici ([1994] 2004, p.14):

A tarefa do pesquisador, como eu a vejo, é de discernir qual de nossos métodos pode ser mantido com plena responsabilidade. E, conseqüentemente, qual deve ser abandonado, numa época de mudanças, tanto intelectuais como sociais, sem precedentes.

O autor defende, portanto, a necessidade de discernimento por parte do investigador de um método adequado dentro da Teoria das Representações Sociais.

3.4. Considerações finais do capítulo

Neste capítulo procurei delinear o conceito de representações com base em trabalhos nas áreas de Linguística Sistêmico-Funcional, de Estudos Culturais, e da Psicologia Social. Acredito que, ao tratarmos do fenômeno de representação, que é social, essas áreas contribuem complementarmente para a sua compreensão, seja por um viés semiótico, seja por uma perspectiva psicossocial. A proximidade entre essas áreas do conhecimento também é entendida por Guareschi (2007, p.39):

O enfoque que talvez mais se aproxime das representações sociais é o dos estudos culturais. A aspiração da teoria das representações sociais é clara: assumindo como seu centro a comunicação e as representações, ela espera elucidar os elos que unem a psicologia humana com as questões sociais e culturais contemporâneas (Moscovici, 2002, p.2006). Os estudos culturais se colocam nessa vertente de pensamento e representam uma reação a certo materialismo e determinismo herdados de uma teoria cientificista, com base num marxismo ortodoxo e linear, superando tais reducionismos e incorporando outras dimensões, como gênero, raça, etnia, religião; enfatizam também importância da subjetividade dos grupos sociais para se compreender o sentido das mensagens. A cultura é, sem dúvida, central em ambos os enfoques.

Também é clara a relação entre representações e linguagem, sendo pertinente uma visão discursiva no estudo de representações, pois tanto representações quanto linguagem referem-se à construção social da realidade, à comunicação de significados, aos conhecimentos construídos socialmente.

Também é pertinente o estudo de representações considerando as propostas de análise discursiva de base sistêmico-funcional apresentadas nesta tese (ref. Capítulo 2). Há uma ênfase nos estudos de representações na consideração da língua em uso, como priorizam os adeptos da Linguística Sistêmico-Funcional.

As pesquisas em representações são inter- ou transdisciplinares, pois envolvem várias áreas do conhecimento, e também são de cunho qualitativo e interpretativo. Ao mesmo tempo, pesquisas sobre representações podem usar vários instrumentos e procedimentos de coleta e análise de informações de acordo com o fenômeno estudado. No capítulo 5, descrevo mais detalhadamente a metodologia da pesquisa aqui relatada - *corpus*, instrumentos e procedimentos de coleta de informações – os quais são previstos por autores mencionados neste capítulo.

Nesta tese, procuro mostrar que o livro didático de inglês é um objeto de representação, dada a sua relevância na sociedade como um todo e mais especificamente no contexto pedagógico. Agentes sociais envolvidos na produção e no uso do livro didático de inglês constroem significados sobre este material nos seus textos escritos e orais sobre ele e nas suas práticas cotidianas. Isso será tratado adequadamente no capítulo 4 sobre o livro didático de inglês.

Assim, é necessário aprofundar os estudos sobre este objeto de representação. A seguir, trato de sua definição e da complexidade inerente a ela e ao próprio livro didático de inglês. Também procuro mostrar o entendimento do livro didático de inglês como gênero discursivo, como tem sido tratado em estudos na área de Linguística Aplicada mais recentemente, apresento reflexões sobre a sua importância na sociedade, e defendo que ele é objeto de representação.